

MEIO AMBIENTE

Áreas intocadas como o Parque dos Pequizeiros, em Planaltina, ou o dos Jequitibás, em Sobradinho fazem parte dos sete mil hectares de cerrado preservados do Distrito Federal

Natureza que resiste ao homem

ROVÊNIA AMORIM
 DA EQUIPE DO CORREIO

No dia dedicado à árvore, uma lição que poucos brasileiros aprenderam nessas quatro décadas de ocupação voraz das terras do Planalto Central. Em meio a tanto desrespeito, ao lixo e ao desmatamento, a natureza resiste, majestosa. A beleza do Parque do Gama (antiga Prainha) é um exemplo do verde que cerca a capital do país e que o brasileiro, na pressa do seu dia-a-dia, desconhece.

O local deixou de ser freqüentado depois que as águas ficaram sujas e o lixo amontoou nas margens. Mas a paisagem ao redor encanta: uma montanha coberta por árvores intocadas pelo homem. Ali foi vista pela última vez, há 25 anos, uma borboleta rara no DF — a *Parides burchellanus*.

Muito além dos 30 mil hectares do Parque Nacional de Brasília (Água Mineral), administrado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Distrito Federal exibe 7 mil hectares de cerrado preservado, divididos em 65 parques ecológicos criados por lei local. São áreas de natureza caprichada, com vales profundos, cachoeiras e animais cada vez mais raros.

O lobo-guará, ameaçado de extinção, veados, tamanduás, araras e tucanos vivem nas matas do Parque dos Pequizeiros, em Planaltina. É uma área de 783 hectares. A maior dos 65 parques administrados pelo GDF. A 4,5km da entrada do Vale do Amanhecer, quase uma hora a cavalo pela trilha estreita em meio à vegetação, chega-se à Cachoeira do Vale Perdido. "Aqui o estresse vai embora. Só se ouve pássaro e barulho da água", aprecia o ambientalista José Augusto de Carvalho Santos, administrador e fã do parque.

Há 17 anos ele mora na região e conhece bem o cerrado que avança pelos morros e esconde a cachoeira. Sabe melhor do que ninguém dos problemas que ameaçam a tranquilidade do lugar, as invasões do homem que joga lixo nas matas. O parque não é cercado e não tem posto de vigilância. "A idéia é convencer os chacareiros a tomar conta da área, que é muito grande", sugere. A caminho da cachoeira, que escorre em diagonal por um paredão de pedra de 10m de altura, surgem os pequizeiros. Dezenas deles, de troncos grossos, cascosos, sobreviventes às queimadas e aos matutos da região que, no passado, os derrubavam para transformá-los em carvão. Na chácara do gaúcho Liro Frasson, 54, há um pequizeiro com mais de 100 anos, de copa profunda e tronco vergado que por pouco não encosta no chão.

Fumaça da água
 No alto da montanha, o vento é forte. "Só pára quando a lua fica cheia e vai para o lado de lá da montanha. Aí são três dias sem essa ventania", explica Ana Cordeiro de Souza, 56, a mineira que há dois anos mora na chácara da cunhada. Trouxe o marido, os cinco filhos e os dois netos. Todos

moram no barraco de tijolo sem reboco e madeirite, com telhas de amianto que o vento não leva por causa do peso das pedras.

Depois da cerca da chácara, começa o Parque do Recanto das Emas. Uma paisagem a que o brasileiro do Plano Piloto não está acostumado. O Córrego Monjolo corre lá embaixo, no fundo de um cânion, com 140m de altura e coberto por árvores de diferentes tons de verde, algumas floridas. "A cachoeira desse córrego é linda e essa montanha de manhã fica bonita demais. Levanta uma fumaça da água", diz a mineira, evangélica, que não perde os batizados no córrego. Toda vez que tem um, fica afoita e desce a montanha para ver.

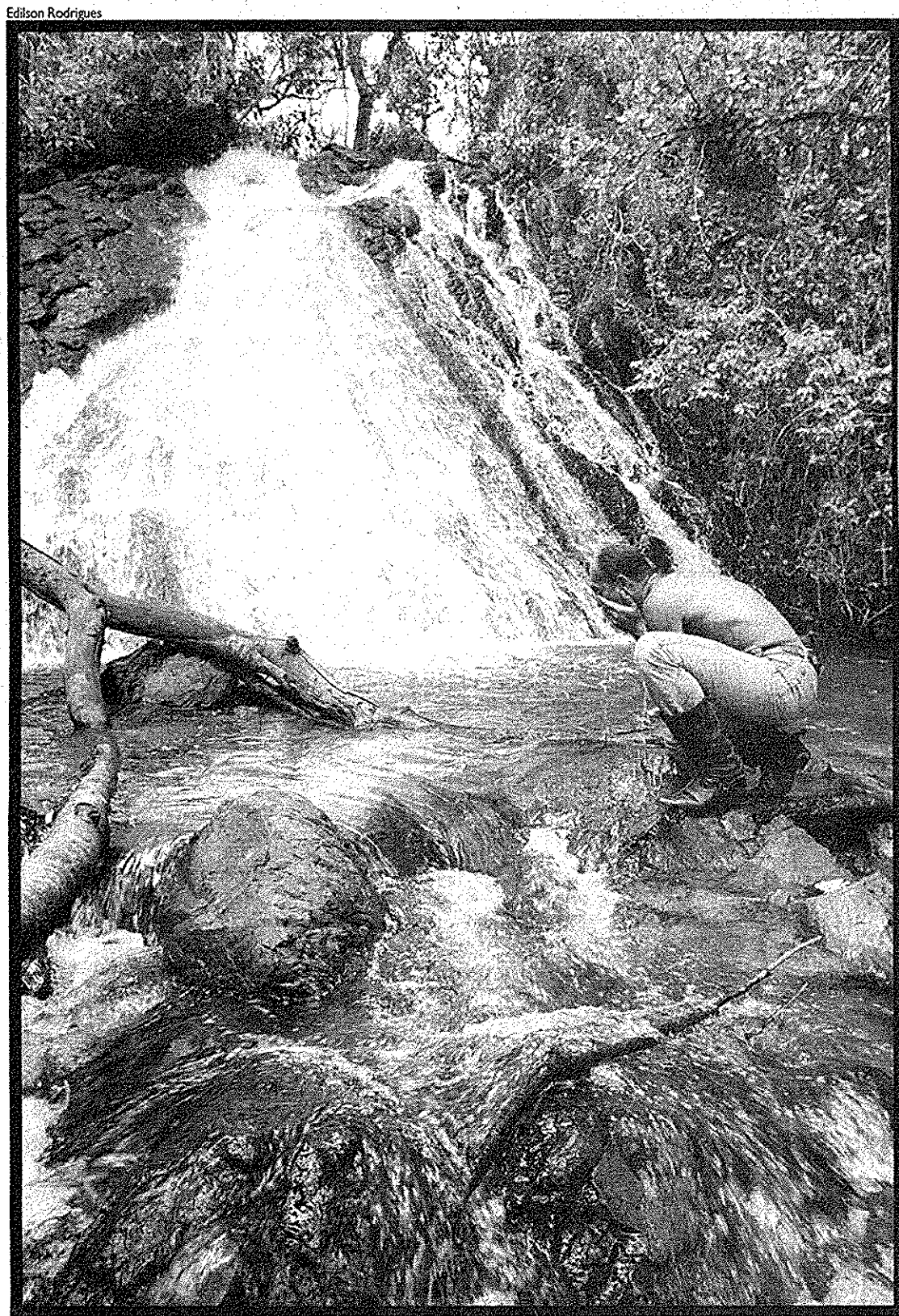
Mas há outras belezas. No Parque Ezequias Heringer, no Guará, há orquídeas que não se encontram em nenhum outro local no DF. Mais de 60 espécies já foram estudadas. No Boca da Mata, em Taguatinga, a invasão dos carroceiros e o despejo de entulho são ameaças a um dos últimos redutos de uma vegetação do cerrado conhecida por campo de murundum. É um local alagadiço, habitat dos buritis.

Em Sobradinho, há o Parque dos Jequitibás. Uma mata de galeria, com árvores majestosas de até 30m de altura, escapou da desmatamento. Além dos jequitibás, há angicos, imbirucos e jatobás. "É um cerrado com característica de Mata Atlântica", entusiasma-se Roberto Napoleão de Araújo, gerente das Unidades de Conservação e Parques Ecológicos do DF.

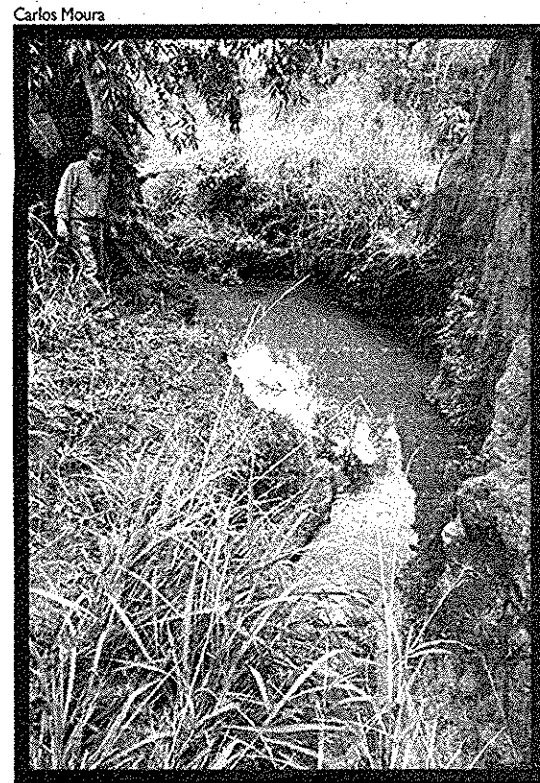
Mas o desrespeito do homem ameaça a natureza que sobreviveu à ocupação desenfreada desses 43 anos. No final da Asa Norte, o abandono das nascentes, entre as quadras 212 e 213, ameaça secar o córrego que passa pelo Parque Olhos D'Água. "Três projeções estão previstas para essa área. Se os prédios forem construídos, as nascentes serão aterradas. Teremos um parque com córrego seco em Brasília", alerta o ambientalista Ricardo Montalvão, presidente da Associação Brasileira pela Qualidade de Vida, sobre o Parque Olhos D'Água.

Ele briga para que o governo amplie os limites do parque, incluindo a mata do terreno baldio das entrequadras onde estão as nascentes. E quer ainda que as águas das chuvas das quadras finais da Asa Norte deixem de ser despejadas no córrego, causando assoreamento e erosão nas margens. A solução, segundo ele, é a construção de uma galeria de água pluvial independente, que não desemboque no córrego.

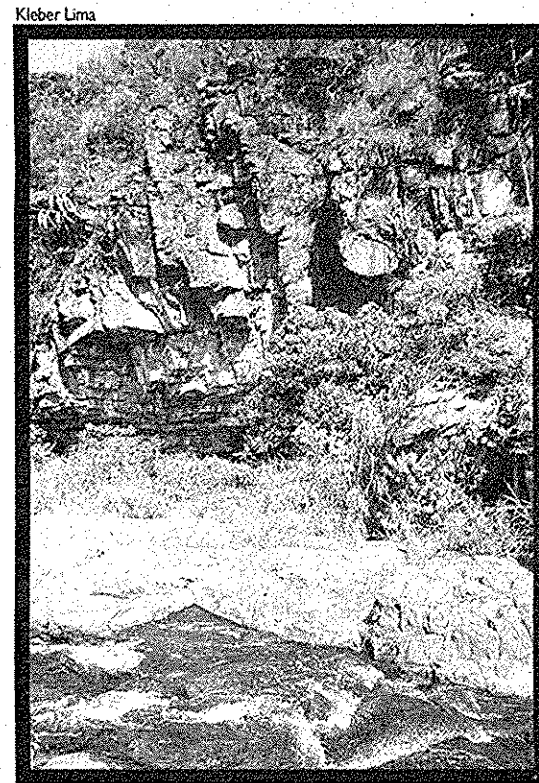
O GDF sabe dos problemas dos parques. "A maioria é um pedaço de mato que serve de abrigo para carroceiro ou depósito de lixo", admite Álvaro Sérgio Pinto, que coordena um grupo de trabalho, criado pelo governador Joaquim Roriz, para levantar a situação dos 65 parques do DF. Ele já assinou a mensagem do projeto de lei que enviará à Câmara Legislativa, destinado a criar uma secretaria para administrar os parques e unidades de conservação. A idéia é retirar as invasões e cercá-los. Aqueles que puderem ser visitados ganharão banheiros, recepção, infra-estrutura mínima.



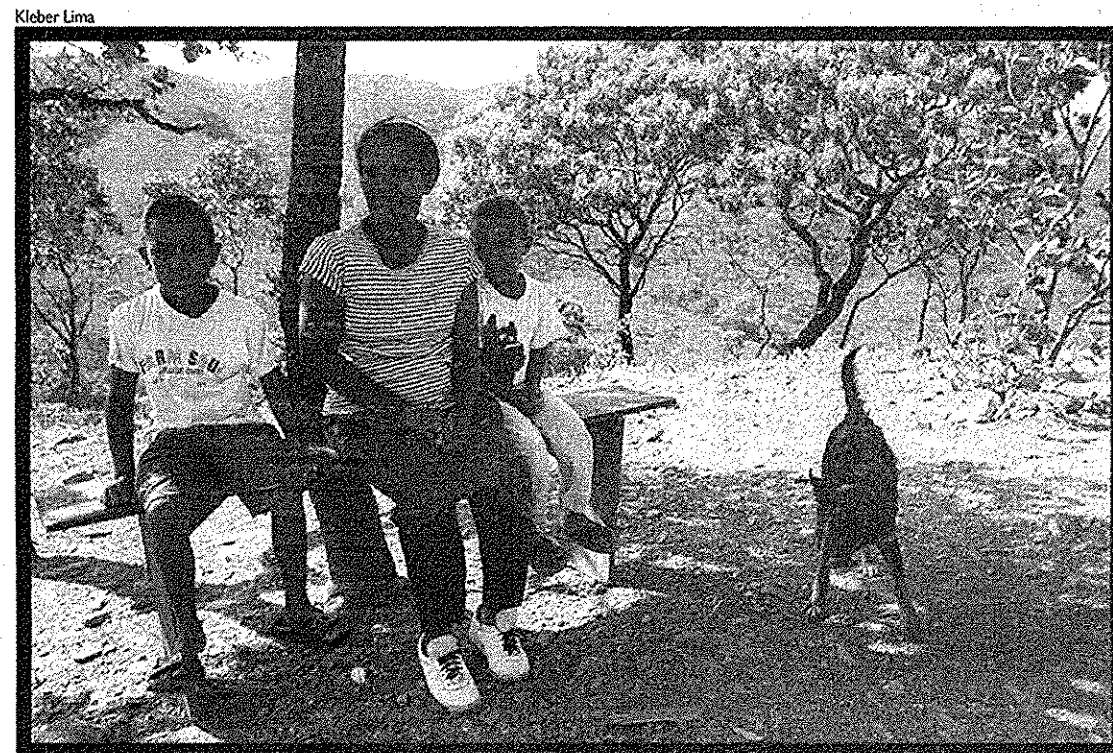
PARQUE DOS PEQUIZEIROS
 Cerrado que avança pelos morros esconde a cachoeira que surpreende os visitantes no Vale dos Pequizeiros: beleza preservada



PARQUE OLHOS D'ÁGUA
 Abandono das nascentes que ficam entre as quadras 212 e 213 Norte ameaça secar o córrego



PARQUE DO GAMA
 Paisagem ao redor encanta, com a montanha coberta por árvores intocadas pelo homem



RECANTO DAS EMAS
 Ana Cordeiro e os filhos desfrutam da vizinhança do Córrego Monjolo, que corre ao fundo de um cânion de 140m de profundidade